

Contribuições para o grupo Articulação das Mulheres Brasileiras para a Política Nacional de Cuidados 2023

Por Cosette Castro, Coletivo Filhas da Mãe

A ideia de cuidado pode ser vista desde diferentes áreas do conhecimento, como a saúde, a assistência social, o direito, à educação ou a filosofia.

Defendemos que a questão do cuidado é central desde o ponto de vista econômico e social e transversal a todas as áreas do conhecimento. Isso representa uma mudança de paradigma e um desafio para construir uma Sociedade do Cuidado.

No entanto, a noção de cuidado desde o ponto de vista da tecnologia pouco tem sido debatida ou levada em consideração. A não ser quando falamos em proteção de sites, salas de reuniões virtuais. Cuidado é visto então como proteção e não como prevenção, acesso e inclusão das mulheres.

Apesar da importância da proteção das redes, plataformas e sites, é preciso dar um passo atrás para pensar a relação estrutural entre cuidado e tecnologia, desde o ponto de vista das transformações digitais.

Vivemos em um país com grande desigualdade social e econômica, baixos níveis de educação, uma frágil infraestrutura de rede para internet com desigualdade nos tipos de acesso, de aparelhos e níveis de compreensão de conteúdos.

Apesar da oferta de indicadores macros sobre os níveis de inclusão digital no Brasil serem positivos, quando observamos desde o ponto de vista das mulheres em geral e, especificamente, das mulheres negras e indígenas e das mulheres com 60 anos ou mais, os níveis de acesso, inclusão e compreensão de texto caem bastante.

Segundo o IBGE (PNAD, 2022), a proporção de pessoas com 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet passou de 84,7% em 2021 para 87,2% em 2022. Já o percentual de pessoas 60 anos ou mais que utilizam a Internet subiu de 24,7% em 2016 para 62,1% em 2022. A maioria das pessoas, independente da idade, acessa Internet a partir do aparelho celular.

Um olhar mais acurado sobre a inclusão digital no Brasil permite apontar o que a pesquisa não mostra e que revela os níveis de desigualdade existente, para além das diferenças regionais.

1. É diferente a infraestrutura de rede entre o centro e as periferias, entre a área urbana e as áreas rurais, entre regiões com infraestrutura e regiões longínquas, com as regiões ribeirinhas ou das florestas

2. Nas periferias há a terceirização e/ou compartilhamento da mesma rede de Internet. O sinal em geral é mais frágil porque os pacotes de uso são mais

baratos e com menor qualidade de serviço e a infraestrutura de rede também é mais frágil

3. A maior parte da população brasileira acessa Internet pelo celular. Em geral utilizam celulares mais baratos, modelos mais antigos, com pouca memória e baixa possibilidade de baixar vídeos ou participar de atividades virtuais.

4. Além da dificuldade em acessar uma rede de qualidade e usarem aparelhos antigos, com pouca memória, quando conseguem acesso, o sinal é fraco e a rede cai constantemente

5. Na época das chuvas, essa situação piora em todo o país, porque, diferente da televisão que possui sinal robusto, as torres de celulares não suportam chuvas e tempestades, com queda constante do sinal. Vale recordar que as periferias, a zona rural, as áreas quilombolas, as regiões ribeirinhas e as florestas dependem das torres de celular para se comunicar

6. Na zona rural, nas áreas quilombolas, nas regiões ribeirinhas e nas florestas dependem das torres de celular ou de uma central que fornece acesso à internet para se comunicar. Muitas vezes, o local fecha ao entardecer, deixando moradoras e moradores sem acesso

7. Nas periferias, morros e comunidades do Brasil muitas vezes o sinal de Internet precisa ser autorizado pela milícia local ou grupo de venda de tráfico local que define quem pode ou não ter acesso à Internet

8. Nas periferias, na zona rural, nas áreas quilombolas, nas regiões ribeirinhas e nas florestas em geral existe apenas um aparelho celular para toda a família. Esta família precisa se revezar em seu uso, como mostrou a pesquisa "Democracia, Representatividade e Transformações no Mundo Digital (Castro/Instituto Lula, 2022) realizada com quase mil dirigentes, ativistas e militantes de movimentos sociais de todo país.

9. Em casos de que exista 02 celulares na mesma família, a baixa infraestrutura de rede e a pouca qualidade da Internet dificultam o acesso de duas pessoas ao mesmo tempo em aulas ou reuniões virtuais

10. No Brasil, a exemplo dos demais países latino-americanos, somos "compradores de tempo" de Internet. Ou seja, a maior parte da população usa aparelhos pré-pagos e têm acesso à Internet de acordo com o seu orçamento

11. Em 2022, diminuiu o número de analfabetos totais no país. Atualmente 5,6% da população é considerada analfabeta total. No entanto, segue alto o número de analfabetos funcionais, que são aquelas pessoas que não conseguem compreender um parágrafo completo. Há 30% de pessoas com analfabetismo funcional, inclusive entre estudantes universitários. Não adianta as pessoas terem aparelhos celulares modernos se não sabem utilizar os programas e plataformas e não compreendem os conteúdos, assim como não conseguem acompanhar o fluxo constante de informações digitais

12. Embora tenha crescido o número de pessoas até 10 anos com acesso à Internet nas escolas, em casa o aparelho utilizado, majoritariamente celulares, pertence aos pais e precisa ser compartilhado com a família

13. Embora tenha crescido o acesso à Internet de pessoas de 60 anos, a maioria ainda acessa as redes sociais digitais através do WhatsApp seguido pelo Facebook, com pouca habilidade digital no Instagram, X, Tik Tok e YouTube, inclusive relacionada à produção de conteúdos

14. Pessoas 60 anos ou mais seguem pedindo ajuda para familiares mais jovens, em geral netos, para acessar a rede e utilizar plataformas na Internet e possuem conhecimento limitado das possibilidades do mundo digital.

15. Mulheres adultas e pessoas idosas têm pouco conhecimento sobre proteção de rede, proteção de senhas e atualizações na rede digital, assim como exposição de dados, fotos e vídeos. Os dois grupos seguem sendo alvos fáceis para o abuso, golpes e extorsão digital

16. A falta de informações sobre direitos nas redes sociais digitais é geral entre crianças, jovens, adultos e pessoas idosas que se tornam alvos fáceis para outros tipos de abusos, como pornografia, exploração e chantagens nas redes sociais digitais

Sugestões

1. Criação de uma cesta digital que inclua:

1.1. Acesso a internet com taxa zero para famílias com fragilidade social e de baixo custo para famílias que recebam até 04 salários mínimos; 1.2. Programa de aquisição de celulares e computadores a baixo custo e em parcelas para a população;

1.3. Infraestrutura de rede para regiões afastadas e fragilizadas

2. Ofertas de cursos presenciais para letramento digital, que inclua leitura crítica da mídia e compreensão/contextualização de textos com uso de linguagem simples

3. Formação de multiplicadoras de cursos de letramento digital e leitura crítica da mídia para expansão em regiões com fragilidade social: periferias, áreas rurais, ribeirinhas, quilombolas, florestas

4. Formação de mulheres desenvolvedoras de programas de internet para que outras linguagens sejam oferecidas à população

5. Campanhas nacionais permanentes sobre pornografia na internet, sobre exposição de dados, fotos e vídeos, abusos e golpes digitais para todas as idades